



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

RAFAELLA BRANDINA DA SILVA

DIALOGISMO E POLIFONIA EM AUTO DA COMPADECIDA

**ARAGUAÍNA-TO
2021**

RAFAELLA BRANDINA DA SILVA

DIALOGISMO E POLIFONIA EM AUTO DA COMPADECIDA

Artigo apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, como trabalho de conclusão de curso (TCC), pré-requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em letras, sob orientação da professora Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca.

**ARAGUAÍNA-TO
2021**

RAFAELLA BRANDINA DA SILVA

DIALOGISMO E POLIFONIA EM AUTO DA COMPADECIDA

Artigo apresentado ao curso de letras da universidade federal do Tocantins, campus de Araguaína, como trabalho de conclusão de curso (TCC), pré-requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em letras, sob orientação da professora Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca.

Data da aprovação: 15 de Abril de 2021

Banca Examinadora

Prof. Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca
(Orientadora/UFT)

Prof. Dra. Janete Silva dos Santos
(Examindora Interna/UFT)

Prof. Dra. Célia Maria de Medeiros
(Examinadora Externa/UFRN)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

BS18d Brandina, Rafaella .
Dialogismo e Polifonia em Auto da Compadecida. / Rafaella Brandina. –
Araguaína, TO, 2021.
29 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.
Orientadora : Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca Dra. Vilma Nunes da
Silva Fonseca

1. Dialogismo. 2. Polifonia. 3. Literatura Brasileira. 4. Sociedade. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis em que me deparei ao longo dessa jornada, aos meus pais por serem essenciais na minha vida e a toda minha família e amigos por me incentivarem a ser uma pessoa forte e corajosa e a não desistir dos meus sonhos.

A minha mãe Natair Brandina e minha irmã Kamila Brandina sou grata por todo o incentivo durante os anos de faculdade. Ao meu marido pela compreensão e apoio em todos os fins de semana dedicado aos estudos e também aos meus grandes amigos da faculdade, que permitiram que essa caminhada fosse mais leve. E em especial ao meu pequeno filho Joaquim que só tem 3 anos de vida e é o real incentivo de tudo que faço.

Tenho a grande honra de ter como banca avaliadora deste trabalho três mulheres de respeito. A minha orientadora Vilma Nunes da Silva Fonseca deixou minha gratidão por me acompanhar e apoiar nessa caminhada, e as professoras Janete Silva dos Santos e a Célia Maria de Medeiros meu muito obrigada por contribuírem com o aperfeiçoamento deste artigo.

É chegado ao fim um ciclo de muitas risadas, choro, felicidade e frustrações. Sendo assim, dedico este trabalho a todos que fizeram parte desta etapa importante para mim. Agradeço a Deus por ter iluminado o meu caminho com professores tão dedicados, aos meus professores de todo o colegiado de Letras dedico minha eterna gratidão.

Tudo que sou ao concluir a escrita desse trabalho é resumido por uma imensa gratidão.

RESUMO

Este artigo tem a finalidade de analisar as condições sociais vividas por João Grilo e seu amigo, inseparável, Chicó, na obra “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna. E observar dentro dos diálogos construídos no texto onde a teoria dialógica bakhtiniana se encontra e discorrer sobre ela. O autor faz uso da magia literária para que, de maneira leve, a realidade sofrida por muitos nordestinos seja denunciada. Tais condições são superadas ou amenizadas pela criatividade dos personagens, que utilizam de armações e espertezas em busca de sobrevivência. É visto que a narrativa do texto encaminha o leitor a enxergar vários outros discursos ali sendo representados e assim concluir um ciclo significativo para teoria dialógica. Para dar sustentação às teorias de base, buscamos autores que fornecem informações a respeito da teoria trabalhada neste artigo, entre eles estão: Mikhail Bakhtin (1895-1975), Beth Brait (2005) e Antônio Cândido (2004-2006). Com isso, ressaltamos então que a obra, escrita há mais de 65 anos atrás, ainda nos dias atuais levanta questionamentos em relação a nossa sociedade atual e a teoria aplicada aqui é caracterizada como pertinente e necessária para compreensão da narrativa.

Palavras-chave: Auto da Compadecida. Literatura Brasileira. Polifonia. Dialogismo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the social conditions lived for João Grilo and his friend unexpected Chicó in work *Auto da compadecida* by Arino Suassuna. And to observe within the built dialogues in the text whence the bakhtiniana dialogical theory that can find and expatiate on her. The author makes use of literature magic so that, in the easily way, the suffered reality for many northeast be denounced. Such conditions are overcome or mitigated by the creativity of the characters, which use frames and cunning in seek of surviving. Seeing the narrative of the text forwards the reader to see several others speeches over there being represented and so finish a significant cycle for dialogical theory. For supporting to the bases theory, we search authors that provide support in respect of worked theory in this article among them are , Mikhail Bakhtin (1895-1975), Beth Brait (2005) and Antônio Cândido (2004-2006). Thus, We emphasize then the work written for more 65 years ago, even today, raises questions about our current society and the theory applied here is characterized as pertinent and necessary for the narrative comprehension.

Keywords: Auto da Compadecida. Brazilian Literature. Polyphony. Dialogism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
O AUTO DA COMPADECIDA: UM RESUMO DA OBRA	11
DIALOGISMO E POLIFONIA: ANCORAGEM TEÓRICA	15
AS VOZES QUE ATRAVESSAM O “AUTO DA COMPADECIDA”	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu a partir de uma enorme admiração que tenho pelo autor Brasileiro Ariano Suassuna e por uma das suas obras mais conhecidas no Brasil. O objeto de pesquisa, para o artigo, é a obra intitulada: *O Auto da Compadecida* (1955).

A edição do *Auto da Compadecida*, que utilizamos em nosso *corpus* foi publicada pela editora *Agir*, em 2005. A peça possui quatorze personagens e está estruturada em três atos. A obra é rica em cultura regional nordestina, e desde a data de publicação até os dias atuais levanta questões de cunho social que porventura nos dias de hoje tornam-se relevantes. Então, afirmamos que este trabalho tem como objetivo principal a análise das falas que foram retiradas da obra para exemplificação dentro do dialogismo e polifonia conceituados por Bakhtin.

A pesquisa que foi realizada na construção desse trabalho é do tipo documental qualitativa. Elaboramos uma análise da obra sobre o foco na fala do personagem João Grilo, abordamos a cultura popular e as críticas sociais feitas pelo personagem, buscando alguns autores específicos das áreas. Os teóricos utilizados foram Mikhail Bakhtin (1895-1975), Beth Brait (2005) e Antônio Cândido (2004-2006).

Os autores descritos neste artigo fomentam a parte teórica como principais condutores na realização da análise, ou seja, dentro dos conceitos estabelecidos nos estudos de cada um tivemos como construir nossa análise conceitual.

Antonio Candido de Mello e Souza como sociólogo e crítico literário nos auxilia a ver a parte humanizada de cada personagem, É a base que fundamenta os conceitos dialógicos a serem estabelecidos. Mikhail Bakhtin traz ao corpo do trabalho atribuições em relação a definição de análise da linguagem com base no dialogismo e na polifonia. E Elisabeth Brait como ensaísta, linguista e crítica literária brasileira que é conhecida especialmente por seus trabalhos sobre estudos do discurso na perspectiva bakhtiniana nos dá suporte na compreensão teórica.

A análise foi desenvolvida a partir inicialmente da obra literária do *Auto da Compadecida*, foram destacados alguns trechos que são essenciais para a ligação entre os conceitos dialógicos e polifônicos com o enredo da obra.

Dessa maneira a pesquisa se dividiu em 3 partes que se caracterizam pelo seguintes pontos: 1) descrever a obra para que seja relevante e compreensiva a análise ao final da pesquisa; 2) Relacionar o dialogismo e polifonia bakhtinianos com a obra, para assim fazer os devidos apontamentos teóricos na análise; 3) Produzir uma análise coerente e dentro da proposta inicial dessa pesquisa.

O posicionamento dos personagens, as falas produzidas por eles são caracterizados como importante para a correlação da teoria trabalhada aqui. Ariano foi bastante fiel ao relatar a história de cordéis nordestinos no enredo do auto da compadecida deixando assim uma janela aberta para que tratássemos de dialogismo e polifonia em sua escrita.

O autor, de forma humorística, trata acerca de lacunas sociais e torna a obra ainda mais prazerosa e edificante analisando de um ponto de vista literário. Ariano, ao relatar sobre o cotidiano de determinada classe social, realiza o movimento de aproximação do leitor com os personagens. E é exatamente por João Grilo ser tão participativo e importante dentro narrativa que seus diálogos podem ser observados e assim torna-se possível ver outros discursos pressupostos ali.

A obra é escrita em forma de teatral, falas e personagens bem especificados, cada página é agraciada com uma dose de humor inebriante. Assim, *o Auto da Compadecida* é uma obra que mistura regionalismo, religiosidade, cultura popular e características ibéricas. Representa uma peça teatral divertida, pela qual através de seus personagens, o autor desmascara as diversas camadas da sociedade brasileira.

O AUTO DA COMPADECIDA: UM RESUMO DA OBRA

A obra *Auto da Compadecida* foi publicada em 1955 pelo paraibano Ariano Suassuna. Esta foi sua obra mais consagrada. A ideia e, posteriormente, a escrita da obra teve como base trechos de três folhetos de cordel. O primeiro ato descrito na obra foi inspirado por trechos do folheto “O Dinheiro”, de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), onde narra o episódio de um cachorro morto, que seu dono designa uma quantia em dinheiro para que o seu enterro seja feito em Latim.

O segundo ato foi inspirado pelo romance popular “História do Cavalo” que defecava dinheiro, também de Leandro Gomes de Barros. Este já conta a divertida história do gato que descomia moedas, e da falsa ressurreição acompanhada pelo som de um instrumento considerado mágico. O terceiro ato popular é o “Castigo da Soberba”, de Anselmo Vieira de Souza, que descreve a história de um julgamento no Céu onde conta com a ajuda de Nossa Senhora da Compadecida, que intercede pelos personagens.

O *Auto da Compadecida* é escrito em forma de auto. Esse gênero literário pode ser definido como um tipo de manifestação popular, de cunho religioso. Os autos têm como função, levar ao público às exemplares vidas dos santos, como uma aproximação do humano com o divino. Estes são descritos como uma peça pequena, que retrata geralmente temas religiosos como também profanos, onde os personagens são caracterizados pelos conhecidos pecados capitais, tais como: luxúria, hipocrisia, bondade, virtude e tantas outras atitudes humanas. Nos autos, são encenados os enredos populares. No Brasil, esse enredo é mais voltado para a cultura indígena, africana e personalidades folclóricas.

Essa obra em especial de Ariano foi apresentada em forma de teatro. Na Idade Média já se fazia uso dessa prática de encenação, onde a real função era a busca do realismo, e contava com a presença de vários figurantes e longos textos com acontecimentos ligados ao Evangelho.

O *Auto da Compadecida* foi a público pela primeira vez no dia 11 de setembro de 1956, no Teatro Santa Isabel, na cidade de Recife (PE), sob a direção de Clênio Wanderley. A peça retoma dados do teatro popular, presentes nos autos medievais, e da literatura de cordel para exaltar os mais humildes, satirizar os poderosos e os religiosos que se preocupam apenas com questões materiais.

A obra é encenada por dezesseis personagens, ambientada em uma pequena cidade do Nordeste, chamada Taperoá. A peça pode ser apontada como uma sátira social, pois busca aperfeiçoar os costumes, moralizar e salvar as instituições de sua vulgarização. Os personagens são: O Palhaço, que é o narrador da peça e também o comentarista das situações; João Grilo,

protagonista da obra, personagem pobre e miserável, que usa de sua infinita esperteza e astúcia para garantir sua sobrevivência; Chicó, companheiro inseparável de João Grilo é o contador de causos, o mentiroso ingênuo que cria histórias apenas para satisfazer um desejo criativo; Padre João, um mau exemplo de sacerdote em sua cidade, sua única preocupação é alcançar fundos para seu próprio benefício; Antônio Moraes, um poderoso fazendeiro temido por todos, que se impõe pelo dinheiro e pela força; o Sacristão, outro mau exemplo religioso, que se aproveita do cargo para enganar os fiéis; o Padeiro, representante da pequena burguesia, seu único interesse é acumular capital, explora seus empregados e tem combinações com as autoridades da Igreja; Mulher do Padeiro, esposa infiel e devassa, demonstra seu amor sincero apenas por seus animais de estimação; o Bispo, juntamente com o padre João e o sacristão, faz parte do quadro de representação da Igreja corrompida; o Frade, outro membro da igreja; Severino de Aracaju, cangaceiro violento e sanguinário; o Cangaceiro ajudante de Severino; o Demônio, ajudante do Diabo; O Encourado (O Diabo), uma figura astuciosa, seu desejo é condenar todos no julgamento final, o diabo, que, segundo uma crença do sertão nordestino, é um homem que se veste como vaqueiro; Manuel (Nosso Sr. Jesus Cristo), personagem que representa o bem, porém se abstém do julgamento e da condenação dos réus, e, por fim, A Compadecida (Nossa Senhora), que é representada como uma advogada dos personagens que estão presentes no julgamento, uma criatura cheia de misericórdia que acaba com os planos do Encourado de levar todos ao Inferno.

Por ser uma obra com base em histórias populares do Nordeste, sua encenação seguiu uma linha de simplicidade. Foi apresentado em cima de um picadeiro de circo, tendo como narrador o Palhaço. A obra *Auto da Compadecida* tem início com o anúncio do palhaço sobre o julgamento de alguns canalhas, entre eles: um sacristão, um padre e um bispo. O palhaço fala sobre a intervenção de Nossa Senhora no Julgamento.

O primeiro ato se inicia com o enterro de um cachorro. Sua dona, a mulher do padeiro, exige que João Grilo e Chicó chamem o padre para benzer o animal, pois estava muito doente. O Padre não concorda com tal absurdo, e então João Grilo usa de seu dom mais precioso para conseguir realizar a ordem da patroa, a esperteza.

Ele afirma que o cachorro é do Major Antônio Moraes, pois sabe do seu poder na cidade, e que usando dessa façanha o Padre abençoará o animal. Assim foi feito, o Padre aceita, pois sabe do poder do Major e que não deve contrariá-lo. Com o acordo feito, João Grilo ao sair da igreja encontra o Antônio Mores pela rua a caminho da mesma e tenta impedi-lo, avisando que ele tivesse cuidado, pois o padre estava ficando “doido”.

O Major entra para conferir e pedir a benção para seu filho que estava adoentado. Não sabendo desse detalhe, o padre ofende o filho do fazendeiro chamando-o de cachorro, por causa da informação dada por João Grilo.

O Major saiu enfurecido à procura do bispo, que estava na cidade inspecionando a igreja. Nesse momento, chega à igreja o padeiro e a sua esposa para verificarem a demora, e o padre se nega a benzer o cachorro. Com raiva, o padeiro fala que não vai mais ajudar a paróquia.

Em meio a essa confusão, o cachorro aparece morto no pátio da igreja então, a Mulher do padeiro culpa o padre por ter se recusado a benzer o animal. Assim, ela o ordena a fazer o enterro do cachorro, em Latim. Sem saber que atitude tomar, o padre e o sacristão aceitam a ajuda apresentada por João Grilo, este para conseguir se dar bem, inventa que o cachorro, antes de morrer, fez um testamento deixando uma quantia para o padre e outra para o sacristão. Por ambição, os dois aceitam fazer o enterro em Latim, mesmo temendo a reação do Bispo.

Nesse mesmo tempo, o Major conversa com o Bispo para contar-lhe o acontecido. Ao encontrar com o Padre, o Bispo enfurecido, pede explicações. Então ele tenta esclarecer os fatos falando que a culpa é de João Grilo, que revida dizendo que pior fez o padre em fazer um enterro de um cachorro, e em Latim. O Bispo fica zangado e pensa em afastá-lo da igreja, mas repensa a ideia, quando descobre o testamento do cachorro.

No segundo ato, Suassuna narra a história do gato que descome moedas. Nesse episódio, o tão esperto João Grilo, que obriga Chicó a ajudá-lo, consegue um gato, colocar algumas moedas em seu traseiro, e vende para a Mulher do Padeiro, dizendo que o gato descome dinheiro. A mulher fica deslumbrada com a demonstração de João Grilo, quando tira duas moedas do gato, e pede que o venda imediatamente.

Mas João, além de pedir uma alta quantia pelo gato, exige que ela também coloque o nome dele no testamento do cachorro, para que dessa forma, tenha direito na partilha com os “fiéis” da igreja. Feito o negócio, a Mulher do Padeiro sai contentíssima. Durante o enterro do cachorro, João Grilo pede a Chicó que retire a bexiga do animal e encha de sangue e a coloque por dentro da sua roupa, pois precisaria dela para executar seu novo plano, quando o padeiro e sua esposa viessem reclamar da venda do gato. João Grilo, já ciente que depois da venda do gato, logo sua patroa iria descobrir a farsa, então, antes de ser demitido, o mesmo se demite.

Nesse momento da discussão, chega o temido Severino de Aracaju para assaltar a Igreja. Lá estavam presentes: João Grilo, Chicó, o Padre, o Bispo, o Sacristão, o Padeiro e a sua Mulher. Severino manda o seu cangaceiro matar todos com seu rifle. No momento em que mataria Chicó e João, este tem a ideia de fingir apunhalar Chicó, que estava com a bexiga em

baixo da roupa, e depois tocar uma gaita para ressuscitá-lo, e convencer Severino que aquela gaita tinha sido abençoada por Padre Cícero.

Acreditando nesse fato, Severino pede que o cangaceiro atire nele para que tenha a oportunidade de conhecer o Padre Cícero pessoalmente. Contra sua vontade, o cangaceiro atira e mata o Capitão. A ganância fez João Grilo morrer junto com os outros personagens. Depois do Capitão morto, João Grilo retira o dinheiro que ele havia roubado na Igreja, contudo, não escapou do tiro do cangaceiro.

Agora entra em cena o julgamento. Todos os que morreram se encontram nele. Nesse momento, o Demônio e o Encourado aparecem para levar todos para o Inferno. João Grilo, com sua infinita esperteza, diz que todos têm o direito de serem ouvidos, e que deverá acontecer um julgamento.

Nesse momento, Manuel aparece em cena para iniciar o tal julgamento. O Encourado começa a falar das falhas de cada um na terra, e os condena com o intuito de levá-los ao Inferno. Então o astucioso João grilo apela a Nossa Senhora, a Compadecida, para interceder por eles. Ela atende ao seu chamado intercedendo por todos, conseguindo assim, irem para o purgatório. A pedido de João Grilo, que estranhamente cede seu lugar no purgatório, pois acha que seu caso não tem jeito, e resolve se entregar, mas Nossa Senhora também intercede por ele e resolve dar uma oportunidade, deixando-o retornar a terra.

No regresso, João Grilo avista seu companheiro Chicó enterrando alguém. É nesse momento que João percebe que aquele enterro era o seu. Não se lembrando do acontecido no julgamento, levanta da rede que Chicó tinha enrolado para enterrá-lo. Estava alegre, pois, lembra-se do dinheiro que havia conseguido retirar de Severino de Aracaju, após sua morte. Mas, Chicó, que já se sentia seu herdeiro, resolveu pegar esse dinheiro, quando prometeu para Nossa Senhora que se seu amigo escapasse, entregar-lhe-ia todo o valor adquirido.

Logo de início, João Grilo ficou zangado pela atitude do seu amigo, mas em seguida, concordou em pagar a dívida, pois ficou com o pensamento que poderia ter sido salvo por Nossa Senhora.

DIALOGISMO E POLIFONIA: ANCORAGEM TEÓRICA

A teoria que norteia a escrita desse trabalho é o conceito dialógico fundamentado por Mikhail Bakhtin. E para compreendê-lo é necessário ressaltar que a fundamentação do autor permeia a concepção de linguagem e, quem sabe, mais do que isso, sua concepção de mundo, de vida. Para dar suporte a este pensamento, buscaremos fundamentar uma perspectiva dialógica e polifônica para, assim, fazer dialogar os princípios Bakhtinianos com esta obra específica de Ariano.

Dialogismo e polifonia são dois conceitos absolutos e principais para o pensamento Bakhtiniano, mobilizados não somente no âmbito exclusivo desses estudos, mas especialmente reconhecidos e apropriados, há algumas décadas, por várias outras tendências dos estudos da linguagem. O fundamento da linguagem para Bakhtin é o dialogismo, é essa relação com o outro, os diálogos trocados para interação.

Essa ideia de recepção e compreensão proposta por Bakhtin mostra o movimento dialógico da enunciação, onde se constitui um lugar comum entre locutor e interlocutor. Nessa ideia podemos entender o esforço dos interlocutores em colocar a linguagem em relação frente a um e a outro. O locutor enuncia em função da existência de um interlocutor, ou seja, ele fala para alguém e espera um retorno, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte.

Por outro lado, quando recebemos uma enunciação significativa, esta nos propõe uma réplica, e assim temos a necessidade de responder, fazendo a ponte entre locutor e interlocutor. E, mais precisamente, compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios.

O discurso é como o ‘cenário’ de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve ‘encená-la’, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes (BAKHTIN, 1981, p. 199).

“De acordo com Brait (2005), além de nutrir interesse pela produção estética, Bakhtin demonstrou, no decorrer de seu percurso acadêmico, interesses pelos discursos filosóficos do neokantismo, da fenomenologia, do marxismo, do freudismo e por diversas áreas científicas como a linguística, a biologia, a matemática e a física. É um teórico com um vasto conhecimento filosófico e científico o que inevitavelmente influencia toda sua obra.”

Tudo que falamos e escrevemos enfim, qualquer tipo de enunciados e que fazemos por meio da linguagem seja ela escrita ou verbalizada, segundo Mikhail Bakhtin, não é fruto somente de um pensamento nosso, ou seja, quando falamos ou escrevemos não estamos ali produzindo enunciados próprios e particulares. É a partir do diálogo que o acordo entre o leitor e o autor é estabelecido, mesmo porque, nas palavras de Bakhtin 2006:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin, 2006, p. 125).

Quando falamos reproduzimos discursos, ideias e enunciamos que já ouvimos anteriormente. A linguagem não se limita a ser um código particular, ela é coletiva e compartilhada entre os falantes nativos. Então ao escrever este artigo e compartilhando desses conceitos que partiram inicialmente de Bakhtin, a minha escrita não é individual, não é integralmente criação minha eu sou influenciada por outros enunciados que partiram de Bakhtin e de autores que fizeram releituras dos seus conceitos estabelecidos. Com isso afirmo que diálogo com a escrita dialógica de Bakhtin para estabelecer parâmetros dentro da minha análise. Então, dessa maneira, estou colocando na minha escrita não só o autor que é o núcleo dos conceitos dialógicos e polifônicos, como também outros autores, então eu carrego outras vozes, outras experiências que vieram antes de mim.

O conceito em questão nada mais é que a consciência de que ao falar nós estamos praticando a dialogia, que é verbalizar outros mundos, outras culturas, outros conhecimentos que não apenas os nossos, mas que nós fomos buscar, seja por meio da leitura, pesquisa, aulas, mídia e tantas outras. Quando falamos ou escrevemos o que ocorre de fato é que somos influenciados, somos levados a dialogar com outras ideias e pensamentos para produzir os nossos. Por assim ser:

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro. (BAKHTIN, 1997, p.29).

Podemos então constatar que não há como fugirmos da cultura, ou do mundo, tudo que somos e tudo que fazemos tem uma relação com tudo que ouvimos, com a educação que vivenciamos e com as experiências que tivemos. Portanto, pela perspectiva dialógica os enunciados se trocam, as vozes se encontram e a leitura contribui imensamente para o

aprofundamento desses enunciados e é desse ponto que surge um conceito chave para construção deste artigo, a leitura dialógica.

Quando eu leio eu trago os olhos de outro para o meu próprio olhar, então quando eu leio quaisquer materiais do meu interesse ou para a necessidade exigida, ou quando assisto um filme, ou seja, qualquer leitura de mundo que eu pratique, toda essa leitura me afeta, começa a fazer parte de mim e isso modifica ou pelo menos me faz refletir aquilo que eu pensava anteriormente, então toda leitura que eu vier fazer será uma leitura que trará a mim um enriquecimento acerca do conteúdo que ela seja composta.

Lembrando também que nenhum livro é imune a ser escrito dentro da perspectiva dialogica, afinal quando um autor resolve escrever um livro, ele por natureza já está dialogando com alguma escrita anterior a dele. Na literatura as vozes são muito amplas e você consegue perceber traços de uma obra dialogando com outra, como por exemplo os três cordéis utilizados por Ariano como inspiração na escrita de *o Auto da compadecida* subdividem os três atos que compõem a obra.

Alguns tipos de texto permitem um conhecimento mais amplo acerca de ideias e conceitos do que outros, então quando você lê uma notícia, um artigo ou uma tese é a visão de um autor, mesmo que ele cite outros e se ampare em outras teorias é a visão dele, ele defende na escrita a opinião que tem acerca do assunto, mas o texto literário pela perspectiva de Bakhtin ele é muito mais rico, no sentido polifônico e muito mais necessário a formação humana, não no sentido científico e sim no sentido humano de formação de caráter, por que em um texto literário não é apenas uma voz que fala , mas vozes antagônicas ou não, que usam do mesmo critério, mas com posicionamentos diferentes.

Segundo Brait (2000), o texto irônico é sempre polifônico, mas um artigo de opinião não é polifônico porque há uma voz dominante, não há polêmica. O gênero romance, para Bakhtin (*apud* BRAIT, 2000), apresenta diferentes vozes sociais que se defrontam, se entrecrocaram, manifestando diferentes pontos de vista sociais sobre um dado objeto; portanto, é gênero polifônico por natureza. Nessa linha, Bezerra (2005) reflete que:

Na ótica da polifonia, as personagens que povoam o universo romanesco estão em permanente evolução. O dialogismo e a polifonia estão vinculados à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens (BEZERRA, 2005, p. 190).

Dentro da narrativa, e pelo caminho que os personagens percorrem é aparente a história sendo contada não apenas pelo narrador central e sim também pelas vozes dos personagens. No auto da compadecida é visto que o palhaço assume esse papel narrativo, onde o autor se afasta e se distancia da história contada através dele. E nesse jogo somos agraciados com a

oportunidade de ver os próprios personagens da trama contarem suas histórias, mesmo que sempre conduzidos pelo narrador. Ainda segundo Bezerra (2005):

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro "eu para si" infinito e inacabável (BEZERRA, 2005, p. 194).

Polifonia são as várias vozes do nosso enredo, vozes que surgem dentro de uma narrativa, onde existe um narrador, mas é possível notar outras vozes colaborando com o contexto que está sendo apresentado. Dentro da literatura é aparente e presente a polifonia e sempre que falamos de polifonia estamos caracterizando as várias vozes do discurso.

Fazendo uma representação de como identificar vozes polemicas no texto, que é o conceito chave da polifonia. Imaginem que você tenha um narrador, e esse narrador é central, e em volta dele vão ter outros narradores. Na literatura você não precisa de apenas um narrador, outros narradores que compõem a história vão te ajudar a compreender melhor o que está sendo contado.

Segundo Bakhtin (2002), "a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenevalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski."

Segundo Bakhtin, Dostoiévski é o criador do romance polifônico, pois foi através dos romances escritos por ele que se foi determinado pelo autor parâmetros para se identificar em uma narrativa vozes polifônicas.

Veja a obra de Ariano como exemplo, ele usa de personagens humildes e realistas dentro de sua obra para dar voz ao povo nordestino e denunciar práticas reincidentes no nordeste, é notório o teor de humor sendo utilizado para amenizar algo sério que acontece não só com o povo daquela região, e sim em todo território nacional.

O palhaço conduz o espetáculo e as histórias dos personagens, como em uma dança tudo se encaixa no tempo perfeito. Os personagens interagem entre si em um mesmo espaço e as várias vozes e consciências independentes são notadas com mais visibilidade.

Por isso, o autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente ao seu lado e à sua frente como "consciências equipolentes dos outros, tão infinita e inconclusivas" como a dele, autor (BEZERRA, 2005, p. 195).

Um conceito é subseqüente a outro, dentro dos diálogos no texto o critério da polifonia é analisar que um personagem passa de mantido quadrado sobre a perspectiva do autor, a livre e torna-se sujeito de sua própria consciência.

Então uma vez leitor perante a compreensão acerca da polifonia ele tende a se aprofundar mais, desenvolvendo assim um olhar amplo ao que acontece no seu redor, ele de certo aperfeiçoa sua capacidade reflexiva, ou seja, que não vai aceitar qualquer coisa ou cair em qualquer pegadinha, uma vez que ele vai sair de sua ingenuidade primária e construir cada vez mais maduro e mais preparado para fazer as leituras tanto literária quanto às leituras de mundo.

AS VOZES QUE ATRAVESSAM O “AUTO DA COMPADECIDA”

A literatura nos transforma, faz com que nós sejamos capazes de selecionar o que podemos retirar de bom das experiências vividas, ela nos liberta das amarras que a vida impõe. Diversos teóricos literários - como Antônio Candido, Marisa Lajolo, Alice Vieira, entre outros - concordam que a literatura tem uma função social fundamental dentro da sociedade. Então ler, o ato em si é libertador, é fonte de conhecimento, é aconchego, é necessidade do intelecto, negar esse acesso é quebrar algo importante dentro de cada um. Segundo Antônio Candido (2004, p.186):

[...] verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Ao acompanhar os desdobramentos dessa pesquisa, sempre me encontrei várias das vezes instigada a abranger ainda mais os assuntos tratados aqui, pelo fato de permear pelo que é real e o que é apenas fantasioso. Fato que incontestavelmente a literatura nos permite.

Antônio Candido em uma palestra realizada na série de seminários Brasil Século XXI - Cultura, Produção, Representação simbólica da Sociedade realizada em 7 de novembro de 1988 no Centro de Convenções da Unicamp, em um determinado momento comenta que sempre desdenhou da esposa quando ela o dizia que em um futuro distante a dramaturgia seria considerada um gênero literário. É interessante esse pensamento quando aqui tratamos de uma obra literária que teve um sucesso maior depois que caminhou para esse viés, seja no teatro ou no cinema o auto da compadecida chama a atenção pelos temas retratados.

O personagem de João Grilo é o foco dessa pesquisa, pois é dele que iremos construir as significações desta análise. Ele é personagem pobre e franzino, que usa de sua infinita astúcia para garantir a sobrevivência. As desigualdades vividas pelo personagem João Grilo e o seu melhor amigo Chicó nos remetem a repensar os comportamentos sociais inadequados, praticados na época da escrita da obra e ainda reincidentes nos dias atuais.

Todo livro desse tipo, ele possui certas dimensões sociais evidentes, cuja indicação faz parte de qualquer estudo, histórico ou crítico: referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal. Apontá-las é tarefa de rotina e não basta para definir, o caráter sociológico de um estudo (CANDIDO, 2006, p.15).

Segundo Lajolo (2001, p. 45) “*tudo o que lemos nos marca*” e deixa referências para a vida, sendo assim posso então iniciar a escrita dessa sessão afirmando que ler esta obra é nostálgico para mim. É perceptível as vozes que emergem em toda a obra, é possível até supor um certo olhar particular do autor e sua opinião sobreposta ao texto. Ele não se limita a fornecer

poucas indicações; na verdade, ao mesmo tempo em que apresenta o cenário, explica com detalhes o que considera relevante, indicando ao leitor os fatos mais significativos.

Além desses atributos e da retratação de várias classes da sociedade brasileira, o discurso do Auto da Compadecida apresenta uma polifonia complexa. Os diálogos, bem planejados mostram os sentimentos, crenças e valores dos vários personagens da peça, que estão em conflito o tempo todo

Na verdade, vários sons estão entrelaçados nos três atos da peça. Por trás dessa comunicação de voz está o contexto da obra. Entre os vários sons, uma voz - a voz de um palhaço - se destaca, causando múltiplos efeitos polifônicos. Desde o início, a voz do palhaço chama a atenção dos leitores. O palhaço apresentou o drama, apresentou seu próprio drama e apresentou outras vozes. Em outras palavras, a voz do palhaço transmite o som para outras vozes desde a primeira página.

No primeiro ato, o Palhaço faz um resumo introdutório sobre o que acontecerá durante a peça: “O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para o exercício da moralidade”. Encerra-se o ato com o enterro do cachorro (Xaréu) realizado, em latim, pelo sacristão mediante a promessa de ser beneficiário do testamento do animal.

PALHAÇO

Grande voz

Auto da compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um Bispo, para exercício da moralidade.

A intervenção de nossa senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia (SUASSUNA, 2005, p. 15).

O drama é desenvolvido a partir do palhaço. Na verdade, a textura da peça está sob os auspícios da voz do palhaço, revelando o cruzamento de vários sons que representam determinados lugares. Ao mesmo tempo, a voz do palhaço é considerada um maestro junto com outras vozes, interagindo com o público e estabelecendo uma relação de conluio com o público.

Na apresentação, o autor menciona que sua obra foi adaptada de romances e contos populares do Nordeste, e passou a usar suas palavras para descrever o enredo - picadeiro de circo. O humor é tratado com delicadeza e intensidade, no que diz respeito aos temas sociais que estão em questão. A veia humorística que é característico da escrita do autor em toda a obra está presente nos três atos que a compõem.

E não se trata apenas de fazer rir, ou de provocar o riso é também o que está por trás. Quando João grilo se vê em frente ao Major Antônio Moraes, quando acaba de tramar toda um história para chegar ao seu objetivo que era benzer o cachorro de seus patrões. Ele acaba por vincular uma fato fictício a outro como forma de que sua trama não seja desmascarada. E isso

gera um pico de riso ao leitor, por observa-lo mentir descaradamente para se desvencilhar de uma futura descoberta de suas tramas.

Veja a forma humorística que João Grilo ressalta nessa parte retirada do texto:

JOÃO GRILLO

Cale a boca, besta! Não diga uma palavra, deixe tudo por minha conta. [Vendo Antônio Morais no limiar, a esquerda.] Ora viva, seu Major Antônio Morais, como vai vos senhoria? Veio procurar o padre? [Antônio Morais, silencioso e terrível, encaminha-se para a igreja mas João toma-lhe a frente.] Se vossa senhoria quer, eu vou chamá-lo. [Antônio Morais afasta João do caminho com a bengala, encaminhando-se de novo para a igreja. João, aflito, dá a volta, tomando-lhe a frente e fala como último recurso.] É que eu queria avisar, pra vossa senhoria não ficar espantado: o padre está meio doido (SUASSUNA, 2005, p. 28/29).

A partir desse ponto na narrativa ele planta a ideia de que tudo que sai da boca do padre é loucura, e como o Major Antônio Morais está vindo a igreja para que o padre vá benzer seu filho que se encontra adoentado. As narrativas se cruzam e brindam com muito riso a incoerência impar das tramas montadas por João Grilo.

ANTONIO MORAIS

Parando

Está doido? O Padre?

JOÃO GRILLO

Animando-se

Sim, o padre está de um jeito que não respeita mais ninguém e com uma mania de benzer tudo. Vim dar um recado a ele, mandado por meu patrão, e ele me recebeu muito mal, apesar de meu patrão ser quem é (SUASSUNA, 2005, p.29).

E pode se observar dentro das estruturas desse diálogo que tudo é descrito de maneira fluida, desde a trama até o seu desenrolar com risos. A troca entre falantes que nesse mecanismo de comunicação acabam por compartilhar com o leitor experiências que antecedem esse diálogo, como exemplo a habilidade inquestionável de João Grilo de se safar de uma história inventada, inventando uma outra história.

O dialogismo é característica essencial da linguagem e elemento constitutivo de todo enunciado, sendo, por isso, condição de seu sentido, já que “a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através de enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 1997, p.282).

Os diálogos realizados pelo personagem Chicó sempre trazem essa característica dialógica proposta por Bakhtin. As histórias contadas com riqueza de detalhes vindas de um homem pobre, que vive em condições extremas de miséria e também analfabeto é o relato verdadeiro do quanto o dialogismo é essencial e presente na linguagem e na construção de enunciados.

CHICÓ

É verdade, o cachorro morreu. Cumpru sua sentença e encontrou se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre (SUASSUNA, 2005, p.42).

Chicó em seus enunciados conta histórias que aos ouvintes é complicado acreditar que ele realmente as vivenciou, até mesmo seu amigo duvida de seus causos. Ao fim de todas as histórias, quando questionado da veracidade delas, ele não tem outra explicação plausível que não “*Não sei, só sei que foi assim*”.

Bakhtin nos esclarece que a linguagem sempre foi seu maior interesse enquanto uso e em interação social. Especialmente, o momento enunciativo do uso da linguagem, processo que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação. Ou seja, os acontecimentos anteriores vividos pelos personagens promovem essa troca humorística e por consequência gera o riso.

O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua estando fora dela, aquele que tem o dom do falar indireto. Expressar a si mesmo significa fazer de si objeto para o outro e para si mesmo. (BAKHTIN, 1997, p. 315)

Com a leitura da obra notamos a convergência de temas ligados ao nosso contexto social, histórico e das relações de poder, com todo o enredo que o entrelaça, por vezes temos a impressão que o texto tem areal função de fazer refletir socialmente. O autor trabalha com excelência a veia humorística nas palavras a fim realmente de trazer leveza aos pontos importantes que compõem a obra.

Por compreensão do dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem, o autor estuda a interação verbal locutor/Interlocutor e o jogo de vozes no interior do discurso (*polifonia*). No primeiro caso, o da *dialogia*, argumenta que o *outro* tem papel fundamental na constituição dos sentidos no discurso do *locutor*, defendendo que nenhuma palavra é nossa, mas repleta da voz do *outro*.

A esperteza adquirida por João Grilo, salva ele e ao amigo em diversos episódios. João se vê coagido a ser esperto para sobreviver no meio de um patrão avarento, uma patroa adúltera, Padre, Bispo e Sacristão também avarentos com um apego excessivo ao dinheiro, e a valorização de quem o possui, deixando Deus e a Igreja de lado, uma das questões levantadas na obra é a avareza, o apego ao dinheiro que até faz com que os personagens esqueçam sua humanidade. Observe o quão grave é a situação relatada por João Grilo nesse trecho a seguir:

JOÃO GRILO

Ó homem sem vergonha! Você ainda pergunta? Está esquecido de que ela deixou você? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, mas um dia hão de me pagar. E a raiva que eu tenho é porque quando estava doente, me acabando em cima de uma cama, via passar prato de comida que ela manava pr'o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Pra mim nada, João Grilo que se danasse. Um dia eu me vingo. (SUASSUNA, 2005, p.27).

O fato que antecede essa narrativa, onde João Grilo deixa claro sua revolta por ter sido tratado de forma desumana é a razão de ele não concordar com o posicionamento do padre em relação às classes superiores a dele, pois numa pirâmide social João Grilo e Chicó são a base da pirâmide e acima deles estão os outros personagens que compõem um quadro social fora da miséria.

João caracteriza suas falas e posicionamentos cercado-se de muita intensidade, ele exagera seja nas mentiras ou nas atitudes em todo decorrer da trama. Antônio Candido em sua obra “Literatura e Sociedade”, abre nossos olhos para esse comportamento social em específico, é como uma forma de defesa do personagem esse alarde que ele faz.

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro (CANDIDO, 2006, p.13).

Os conceitos críticos deixados por Antônio Candido servem de base fundamental para ser dado esse ponta-pé em termos de compreensão do que será analisado dentro da obra em termos sociais. Há questões tratadas dentro da trama que fazem exatamente o papel que se proponha a fazer, que é levantar questionamentos reflexivos ao leitor.

Acredito que eu como autora deste trabalho tenha deixado explícito na minha escrita a admiração que tenho por essa obra em especial. O livro me provoca uma grande gama de sentimentos bons, me emociona, me faz refletir socialmente, me arranca sorrisos. Há uma parte no último ato descrito na obra que mexe com o rumo que a história toma, que é exatamente a rendição e conclusão da parte de João Grilo na história.

Depois que todos os personagens têm seu destino definido por Manuel nosso senhor, João Grilo se vê sem saída, então resolve ele mesmo decidir seu destino. Ele se auto denomina salvo e merecedor de um lugar no céu.

No jogo de diálogos que acontece entre João, a Compadecida, Manuel e o Encourado se observa que Manuel concorda com as acusações feitas pelo encourado deixando claro que João deva pagar por suas mentiras, enquanto a compadecida o tenta convencer do contrário com grande entusiasmo.

A COMPADECIDA

João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório (SUASUNA, 2005, p.156).

João Grilo como um bom cristão apela para a misericórdia da Compadecida e assim consegue uma segunda chance. A Compadecida observa que para todas suas mentiras, ele procurava fugir dos males que lhe assolavam e tentava a todo custo se sobressair da maldade humana sobreposta a ele. Manuel propõe a João que e ele conseguir fazer uma pergunta para qual ele não tenha resposta, ele terá passe livre para voltar a terra.

MANUEL

Vou deixar que você volte, porque minha mãe me pediu, mas só deixo com uma condição.

JOÃO GRILO

Qual é

MANUEL

Você me fazer uma pergunta a que eu não possa responder. Pode ser? (SUASUNA, 2005, p.158-159).

Deste ponto em diante é possível observar não só o fato polifônico em que os personagens contribuem para que a história seja contada cada um por seu ponto de vista, como também observamos o fato de a obra dialogar com a bíblia. João é analfabeto, o que sabe é por ouvir dizer e com sua esperteza consegue fazer a pergunta para a qual que não há resposta.

JOÃO GRILO

Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava me ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo? (SUASUNA, 2005, p.159).

Então novamente, por sua esperteza João Grilo escapa de ser condenado ao inferno pela astúcia que possui. Por sempre observar o que lhe dizem ao redor, por sempre dialogar e dessa forma sempre se mantém informado de tudo que acontece. Ele consegue até mesmo mencionar a bíblia sem nunca ter tida uma em mãos. É o personagem mais inteligente de toda a obra, ele quem mantém o enredo interessante, seus jogos de locução e interlocução sempre geram risos, sempre causam emoção.

Os cenários verbais criados por ele sempre o favorecem, mesmo quando tudo o leva a condenação. Seu movimento de interlocutor com a Compadecida convencem Manuel de sua total falta de capacidade de sobreviver a essa terra se não por meio de suas histórias. Para Bakhtin (1981):

O discurso é como o ‘cenário’ de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve ‘encená-la’, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes (BAKHTIN, 1981, p. 199).

É sensibilizador ler e compreender que sua esperteza vence o meio em que ele vive. Toda história poderia girar em torno apenas do seu sofrimento e ao invés disso ela mostra o quanto o personagem é forte e bem humorado. Os Cordeis narram as histórias contadas dentro do Auto da Compadecida, mas o personagem de João Grilo é o toque essencial dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado com o intuito de analisar as condições sociais vividas por João Grilo e seu amigo, inseparável, Chicó, na obra “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, e observar dentro dos diálogos construídos no texto onde os conceitos dialogicos e polifônicos se encontram e explora-los para uma boa compreensão da obra em conjunto com a teoria.

Consideramos por meio desse trabalho que a obra Auto de compadecida se caracteriza principalmente pela polifonia. De fato os personagens que compõem a história tem suas vozes representadas e ouvidas, mesmo com a condução do palhaço que orchestra tudo que está sendo apresentado, cada personagem tem personalidade e individualidade dentro da trama. O texto dialoga com os cordéis que serviram de inspiração ao autor. A religiosidade que é característico da história contada na obra também dialoga com livros bíblicos, ou seja, o dialogismo e polifonia ao qual nos comprometemos a salientar é observado dentro dos diálogos do texto.

Assim, ao longo da peça, sobretudo por meio do discurso direto e, por vezes, pela ironia, as vozes se entrecruzam, apontando a ideologia de vários segmentos sociais. Cumpre acrescentar que a tessitura da peça se caracteriza pelo desvelamento do entrecruzamento das várias vozes, que falam de determinados lugares, a partir de um sujeito polifônico - o Palhaço. Ao lado da polifonia, salienta-se a interação do Palhaço com a plateia.

Podemos concluir, a partir do contexto apresentado, e considerando os personagens destacadas nesse trabalho, João Grilo e Chicó, que os mesmos são apenas vítimas de um sistema opressor onde sobreviver em um cotidiano com as dificuldades provenientes da escassez da chuva, a fome, a opressão e humilhação sofrida dentro da referida história. Eles usam da sabedoria e de muita esperteza, para driblar as adversidades na busca pela sobrevivência.

Em meio a esse cenário, surgem sujeitos que podem ser classificados como heróis, não pela aparência apresentada, mas pela coragem, perseverança e criatividade demonstrada diante das situações vivenciadas, não se curvando ao desespero, mas buscando de todas as formas, meio de sobreviver.

Ariano Suassuna ao escrever essa obra sabiamente traz um certo reconhecimento a muitos nordestinos que lutam diariamente em meio à fome ocasionada pela escassez de água, o descaso social, mas não desistem de tentar, e usam a seca, que é uma realidade local, como fonte de inspiração para a criatividade, criando e recriando histórias, arte e música. Levando cultura regional a quem tem interesse e paixão pelo simples e bonito.

O Auto da Compadecida, torna claro o perfil do homem nordestino, lutador, forte, que não se deixa abater por pequenos problemas, que vive a vida como um dia de cada vez. Assim, Ariano enaltece a imagem do Nordeste e do nordestino, mostrando que mesmo com atitudes, às vezes consideradas erradas, o ser humano busca unicamente sua existência em meio a tantas dificuldades e mazelas que o afetam diretamente e, muitas vezes, provocadas até por outros seres humanos.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. (org). 2005, **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. Ed campinas, SP: editora da UNICAMP.
- _____. **Anotações em sala de aula**. São Paulo: PUC, 2000.
- _____. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. (1926) Le discours dans la vie et dans la poésie. In: TODOROV, Tzvetan. **Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. 16. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CANDIDO, A. **Vários escritos** (4ª ed.). São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade** (9º ed.). Rio de Janeiro, 2006.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- VIEIRA, A. **O prazer do texto: perspectivas para o ensino de literatura**. São Paulo: EPU, 1989.
- BEZERRA, P. **Bakhtin: Conceitos Chaves/ Beth Brait**, (org). – São Paulo : Contexto, 2005.